

COLEÇÃO

VIAGENS NA FICÇÃO



CHIADO
B O O K S

Brasil | Portugal | Angola | Cabo Verde

Um livro vai para além de um objeto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Books procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana “põe quanto és no mínimo que fazes”. Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

www.chiadobooks.com



CHIADO
B O O K S

Brasil | Portugal | Angola | Cabo Verde

Conjunto Nacional, cj. 205 e 206, Avenida Paulista 2073,
Edifício Horsa 1, CEP 01311-300 São Paulo, Brasil
Edifício Chiado – Rua de Cascais, 57, Alcântara – 1300-260 Lisboa, Portugal

Espanha | América Latina

Paseo de la Castellana, 95, planta 16 – 28046 Madrid
Passeig de Gràcia, 12, 1.ª planta – 08007 Barcelona
Brickell Avenue 1221, Suite 900 – Miami 33131 Florida United States of America

U.K | U.S.A | Irlanda

180 Picadilly, London – W1J 9HF
Brickell Avenue 1221, Suite 900 – Miami 33131 Florida United States of America
630 Fifth Avenue – New York, NY 10111 – USA

Itália

Via Sistina 121 – 00187 Roma

© 2018, Raquel Cassiano e Chiado Editora

E-mail: geral@chiadoeditora.com

Título: Arquidata: A Dama da Espada e o Segredo do Medalhão

Editor: Vitória Scritori

Composição gráfica: Vera Sousa

Capa: Francisco Rivas

Revisão: Raquel Cassiano

Impressão e acabamento:

CHIADO
P R I N T

1.ª edição: , 2018

ISBN: 978-989-51-5651-1

Depósito Legal n.º 398398/15

RAQUEL CASSIANO

ARQUIDATA:
A DAMA DA ESPADA
E O SEGREDO DO MEDALHÃO



CHIADO
B O O K S

Brasil | Portugal | Angola | Cabo Verde

Para minha família, amigos e todos que acreditaram em mim mais do que eu mesma.

Meus agradecimentos

Ao Robinson, por sua boa vontade.

A Eduardo e Iracema, por seu apoio.

À minha mãe, pela paciência e compreensão.

ÍNDICE

Capítulo I - A menina sem passado	11
Capítulo II - Tentativa de fuga	19
Capítulo III - Perguntas sem resposta	27
Capítulo IV - O quartel da senhora Oliver	31
Capítulo V - A nova vida	43
Capítulo VI - De onde ela veio?	57
Capítulo VII - O destino de Nyssa	69
Capítulo VIII - Visita inesperada	77
Capítulo IX - Hesitação	81
Capítulo X - O castigo	93
Capítulo XI - Doutor Ubaldo	101
Capítulo XII - O incêndio	111
Capítulo XIII - Salva pelo jardineiro	119
Capítulo XIV - Vale verde	125
Capítulo XV - Um zero à esquerda	137
Capítulo XVI - Um sonho ruim	145
Capítulo XVII - Mudinha sem mãe	155
Capítulo XVIII - A invasão	159
Capítulo XIX - A floresta dos ventos	169
Capítulo XX - O arqueiro	179
Capítulo XXI - Os tigres do Vale Quelado	189
Capítulo XXII - A imprudência de Aquiles	197
Capítulo XXIII - Hiolaús	201
Capítulo XXIV - A centúria	215
Capítulo XXV - O silêncio chega ao fim	231
Capítulo XXVI - Noite tranquila?	245

Capítulo XXVII - O príncipe e sua noiva	255
Capítulo XXVIII - A lâmina fantasma	265
Capítulo XXIX - Manhã conturbada.	271
Capítulo XXX - O tempo não espera	281
Capítulo XXXI - O retorno do príncipe Tubarão	287
Capítulo XXXII - O confronto	295
Capítulo XXXIII - O renascer de um leão	305
Capítulo XXXIV - À sombra da batalha	317
Capítulo XXXV - Sangue, fogo e fúria: O início da queda . . .	327

CAPÍTULO I

A MENINA SEM PASSADO

Porto Castela, Aura. Ano 1900. Era desconhecida.

Já era tarde quando o doutor Ubaldo chegou ao escritório da alfândega na comarca. Silencioso e visivelmente cansado, tirou o chapéu e murmurou um insosso “boa noite” ao passar pelo capitão na entrada, mas distraído com seu caderninho de anotações ele não respondeu. Encabulado, o médico seguiu a passos lesto ainda com o chapéu na mão em direção à pequena sala no interior do cômodo, onde segundo o emissário que o fora buscar e o acompanhava a uma curta distância, estava uma criança com uma história no mínimo estranha, para não dizer curiosa. Ela havia chegado à cidade no fim da tarde, trazida por um grupo de pescadores que vinha de Cíntila. Dela, eles diziam nada saber além do nome. Quando interrogados, explicaram aos oficiais que encontraram a menina boiando na água, sobre uma placa de madeira perto de Lázura dias antes. Não tinha ferimentos graves, mas estava inconsciente e quando voltou a si não tinha a mínima ideia de quem era... de onde vinha ou de como chegara até ali. A hipótese mais provável era de que tivesse escapado de algum dos recentes naufrágios que ocorreram na região. O nome que, supostamente era seu, estava em um

lenço, encontrado em suas roupas e dele; ela também não se recordava. Era quase como uma folha em branco. Poderia ser entregue a qualquer família que se dispusesse a cuidar dela, porém seu estranho comportamento poderia acabar sendo um grande entrave, já que intrigava até aqueles que estavam começando a se acostumar. Passava grande parte do tempo sozinha, não falava muito e parecia estar sempre à espera de ser atacada.

O doutor não se mostrou nem um pouco surpreso com o relato. As reações poderiam vir de um trauma grave. Até mesmo um adulto reagiria daquela forma em tal situação, imagine uma criança! Era perfeitamente compreensível que tentasse se defender o tempo todo. Ao entrar na sala, Ubaldo já foi se preparando mentalmente para o que poderia ser uma consulta trabalhosa, pois esperava achar a paciente agressiva e até um pouco histérica, mas em vez disso, foi recebido com uma rara desconfiança cercada de calma. A menina parecia saber exatamente quem ele era e em função disso, nem precisou se esforçar tanto. Bastou a ternura de costume e alguma paciência para conseguir que ela se deixasse examinar. Não ofereceu tanta resistência quanto se imaginava. Para espanto do emissário que os observava da porta da sala! Considerando todo o trabalho que tiveram, julgava que o clínico teria pouco ou nenhum êxito em sua missão, todavia sua teoria caiu por terra quando viu a escuta do estetoscópio cair levemente sobre o jaleco amarelado do médico, indicando o fim do exame.

– E então? – ele perguntou ansiosamente.

– Bem, oficial Simons... – principiou o doutor tirando o aparelho do ouvido ao voltar-lhe a face. – Se sua preocupação é a saúde da menina... pode descansar porque quanto a isso, ela está muito bem.

– Doutor, mas como pode estar bem se não se lembra nem do próprio nome.

– O que quero dizer é que, fisicamente, ela está bem.
– explicou Ubaldo ao mesmo tempo em que guardava o estetoscópio na maleta. – Agora, quanto à falta de memória... talvez seja só um reflexo. Ela pode ter batido com a cabeça ou quem sabe, a mente dela tenha bloqueado suas lembranças como uma forma de protegê-la. Não sabemos pelo que ela passou.... A mente humana é realmente extraordinária e sinceramente, não vejo nada com o que devemos nos preocupar. Vamos esperar para ver o que acontece.

– Sim... – silabou o oficial descontente. – Mas não há nada que possamos fazer para ajudar?

– O tempo é o único capaz de ajudá-la nesse momento. Como eu disse, talvez seja só um reflexo.... Em regra, não costumam durar muito.

– Isso é ótimo! Quer dizer que logo ela vai se lembrar de alguma coisa. – julgou o rapaz afoitamente. – Quem sabe em alguns dias.

– Não foi o que eu quis dizer. – o clínico afirmou já preocupado com a interpretação errônea do oficial. – Pode ser que aconteça realmente e vou torcer muito para isso. Mas precisa saber que talvez dias não bastem. E por mais pessimista que pareça, também é preciso admitir que o possível reflexo possa vir a se tornar um dano permanente. Eu seria negligente se não admitisse.

– Permanente? Mas o senhor acabou de dizer que...

– Oficial! Eu disse que, costuma não durar muito. – lembrou Ubaldo. – Não que não vá durar. Há uma série de fatores que precisam ser levados em consideração e tanto o senhor quanto ela, precisam estar preparados. É claro que, como você, eu prefiro acreditar no contrário, todavia a outra versão é igualmente possível e não pode ser ignorada.

– Não. Isso não. – disse Simons contestando. – Tem de haver alguma coisa que se possa fazer... quer dizer que ela pode nunca mais se lembrar de quem é?

– Sim.

– Não posso aceitar isso! Não podemos deixá-la assim.... Alguma coisa tem que ser feita. – esbravejou o rapaz indignado, passando a andar de um lado a outro, do outro lado da porta.

– Bem... se é isso que pensa... quem sou eu para tentar movê-lo? Fique à vontade para fazer o que bem achar melhor. – falou o médico baixando os olhos com certa insatisfação. Lamentava não poder dar uma solução para o problema, mas não dependia dele.... Fez uma pausa ao passo que juntava o resto de sua aparelhagem. Não tinha intensão de dizer nada além do que já tinha dito, porém, ao ver o oficial se consumir em agonia não resistiu a ideia de tentar outra vez dissuadi-lo: – Eu sei que é difícil! Numa situação como essa é comum nos sentirmos impotentes. – disse calmamente voltando a encarar o oficial. – No entanto quanto mais rápido aceitar que não depende de você, menos vai sofrer... acredite.

Contrariado, Simons olhou para o doutor. Não disse nada a princípio, mas após alguns instantes de reflexão em silêncio, deixou escapar um “está bem” pouco convincente... e para aqueles que o conheciam, como o modesto doutor, aquilo era um mal sinal... Ubaldo sabia que o oficial não lidava bem com as impossibilidades. Era o tipo de pessoa que não aceitava um “não” facilmente e faria tudo que pudesse para provar que ele estava errado, mas arrependido, o exausto médico não tinha mais paciência nem disposição para retomar a discussão, deste modo, silabou novamente um inosso “boa noite” ao fechar a maleta e saiu marchando como quem tivesse uma grande urgência. Quanto ao rapaz, ficou parado junto a porta da sala com uma argumentação frenética enrolada na língua e uma visível expressão de “não entendi” estampada na face enquanto via o médico se afastar rapidamente. Neste meio tempo, o capitão que saíra para

sua inspeção de rotina pelas docas, retornava ao escritório. Estava concentrado no chumaço de papel que tinha em mãos, entretanto olhar vago e a expressão desatenta de seu auxiliar logo desviaram sua atenção:

– O que houve, Simons? – ele perguntou abandonando os papéis por um instante. – Por que está parado aí com essa cara de paisagem?

– Desculpe senhor! – disse o subalterno, recompondo-se. – Eu...

– Onde está o doutor? – indagou o capitão, interrompendo-o momentaneamente, tão logo seu olhar encontrou a figura da criança ainda encolhida junto à estante abarrotada de livros. – Não mandei que fosse buscá-lo?

– Na verdade, ele já foi. Logo que terminou de examiná-la, colocou as coisas na mala e saiu. – explicou o rapaz desconcertado.

– E por que não me esperou?

– Pela pressa, devia estar atrasado para algum compromisso. Quase não consegui trazê-lo aqui.

– Sei... – balbuciou o chefe observando o desconcerto de seu auxiliar. Conhecendo o rapaz, sabia que sua personalidade contumaz tinha algo a ver com a inexplicável pressa do médico, mas aquilo não era importante no momento e desligando-se do assunto, perquiriu enquanto se dirigia a sua mesa tornando a correr os olhos pelos papéis: – Ele disse algo sobre a menina?

– Sim... Que fisicamente, ela está bem. – Simons respondeu acompanhando seu superior com os olhos ao mesmo tempo em que seus pés o levavam para dentro do cômodo. – O problema é a memória. Talvez, leve anos para que se lembre de alguma coisa e, o pior é que não há nada que possamos fazer a respeito. Falando nisso, o que vamos fazer?

O capitão não respondeu. Na verdade, depois de alguns segundos, o oficial constatou que ele nem mesmo tinha ouvido o que disse.

– Capitão Xavier? – chamou baixinho, para não atrapalhar, mas o homem não lhe deu ouvidos. Continuou lendo os relatórios em silêncio, dava ares de estar em outro mundo além daquela sala e desconfortável, o jovem viu que não havia nenhuma alternativa senão trazê-lo de volta a realidade, logo, encheu-se de coragem e chamou num tom mais alto: – Capitão?

Xavier levou um susto tão grande com o tom incomum do rapaz que seu coração quase saiu pela boca... seus dedos se contraíram involuntariamente amassando as folhas do relatório e inevitavelmente, a irritação o tomou.

– O que foi, Simons? – perguntou impaciente e desdenhoso, tornando a encarar o subordinado ao abandonar a papelada sobre a mesa.

– O que faremos com a menina?

– Menina? Que menina? – indagou Xavier, absorto. As informações desencontradas naquele relatório lhe haviam tomado tanta atenção que por um minuto esqueceu-se completamente da criança em sua sala.

– A menina que veio com os pescadores de Cíntila. – o rapaz recordou. – Senhor, ela não pode ficar aqui. O que vamos fazer?

– Ah... sim! É verdade... – exclamou ele. Desviando os olhos do rapaz, levou a mão ao rosto, respirou fundo e disse: – Bem... como ela não sabe quem é e nem de onde veio receio que não possamos fazer muita coisa.

– Podíamos colocá-la em um barco. – sugeriu o jovem oficial. – Mandá-la para qualquer lugar longe daqui...

– Colocá-la em um barco, Simons? Mas que ideia absurda. Para onde poderíamos mandá-la se nem sabe de onde veio? Não sei em que mundo você vive.... Sozinha por aí, essa menina não teria a mínima chance! Teve sorte de ter sido encontrada por pessoas de boa índole. Não quer dizer que isso aconteça de novo e eu prefiro não dar oportunidade

ao azar. Leve-a para a casa da senhora Oliver. – ordenou o capitão.

– Tem certeza, senhor? – objetou o oficial com receio. Não lhe agradava enviar crianças àquele lugar. Sabia exatamente o que a esperava lá.

– Por acaso você tem alguma ideia melhor?

– Não. – ele respondeu depressa.

– Então faça o que eu mandei. – recomendou Xavier tomando assento. – Já temos preocupações o suficiente para ficarmos com uma criança perambulando pelo cais. Além do que, mais hora menos hora, alguém pode procurar por ela... é melhor que esteja em um lugar onde não crie raízes.

Simons pensou um pouco tentando achar uma outra opção, mas sem nenhuma ideia em mente, só lhe restava acatar a ordem do capitão, assim, o saudou, tomou a menina pelo braço e saiu conduzindo-a porta afora. Ele teve quase que arrastá-la depois de certa parte do caminho, pois ela resistia bravamente enrolada em sua manta velha, mas quando alcançaram a saída do porto ele perdeu a paciência:

– Pare com isso! – brandiu fazendo-a estagnar. – Não quero machucá-la. Se pudesse mandaria você para qualquer outro lugar, mas infelizmente não há outros tutores na cidade, então vai ter que aguentar a velha megera.

A menina encarou oficial rapidamente e baixou os olhos. Parecia ter se conformado de momento, mas logo voltou a resistir. Cansado de lutar, Simons parou uma carruagem de passagem por ali e solicitou a ajuda de um companheiro de farda para colocar a criança no veículo. Vendo que aquela seria uma tarefa árdua, não pensou muito antes de pedir que ele o acompanhasse até o local indicado pelo capitão. O rapaz relutou um pouco, porém depois de trocar algumas palavras com a moça risonha com quem conversava antes de ser interrompido, ele entrou na carruagem.

CAPÍTULO II

TENTATIVA DE FUGA

Rua das carpas! – informou Simons antes que o condutor perguntasse. – Número 500. Por favor.

O cocheiro dispensou à criança um breve olhar piedoso ao ouvir o endereço. Fechou a porta e dirigindo-se ao seu lugar, tratou de pôr a carruagem em movimento enquanto os dois rapazes tentavam conter a menina que lutava com veemência:

– Onde consegui essa criatura? – perguntou o rapaz a Simons.

– Foi deixada no porto. O capitão me mandou levá-la para a casa da senhora Oliver.

– Então é dela que andam falando por todo o porto? – sondou o oficial depois de imobilizá-la, colocando-a sentada entre eles: – É pior do que eu pensava... até uma fera selvagem tem mais modos.... Mas deixa estar! Logo ela vai se endireitar: a casa da senhora Oliver é o lugar perfeito para se domar feras.

– Pare Frederico! Pelo amor de Deus... – exclamou Simons. – Ela já é bem difícil sem a sua ajuda. Não precisa tornar as coisas mais feias do que já são.

– Certo! Não vou dizer mais nada.... Mas ela não perde por esperar.

– Basta! Chega desse falatório.

– Eu hein! Se soubesse que estava tão mal-humorado nem por decreto teria entrado nessa carruagem.

– Obrigado pela parte que me toca. – retrucou Simons.

– Vou me lembrar disso quando se meter em outra confusão.

Frederico olhou para o colega meio sem graça, logo depois, deu com os ombros e se encolheu no banco diante deles de modo que pudesse deter a criança caso tentasse pular do veículo, mas seu olhar logo se perdeu vagando na paisagem. Nem teria percebido se ela desaparecesse diante de seus olhos. Quanto a Simons, este desenvolveu por si mesmo um súbito interesse e passou a encarar os próprios pés enlameados durante o resto da viagem. A menina, por sua vez, aquietou-se repentinamente e silenciosa, colocou-se a observar seus companheiros estudando cada um de seus gestos.

Depois de alguns minutos sacolejando sobre os paralelepípedos da rua escura, pararam aos portões de uma casa muito antiga, quase em ruínas, que ficava a menos de meia hora do cais.

– Senhores....Chegamos! – anunciou o cocheiro vindo ao chão em um salto.

– Já? – indagou Frederico erguendo-se do banco. Olhou pela janela e com alegria, confirmou: – Já sim... bem.... Bem-vinda ao seu novo lar!

A menina olhou a casa pela janela e um calafrio lhe subiu pela espinha. O lugar parecia até mal-assombrado.

– Não tem ninguém aqui. – disse aos oficiais com relutância.

– Olha só!... Ela fala. – zombou Frederico. – Achei que só soubesse rosnar.

– Chega! Mas que coisa, Frederico! Deixe-a em paz. – pediu Simons, impaciente com a persistência do rapaz. – Por que não desce e abre o portão enquanto eu pago a viagem.